

As exportações do agronegócio gaúcho em 2015*

Sérgio Leusin Júnior**

Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pesquisador em Economia da Fundação de Economia e Estatística (FEE)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar o resultado das exportações do agronegócio gaúcho em 2015. Paralelamente a esse objetivo, buscar-se-á também esboçar, através desta publicação, o potencial analítico da base de dados das exportações do agronegócio desenvolvida pelo Núcleo de Estudos do Agronegócio (NEA) da Fundação de Economia e Estatística (FEE). Observou-se que as exportações do agronegócio gaúcho, que, em 2015, totalizaram US\$ 11,7 bilhões, representaram 68,1% das exportações totais do Estado naquele ano. Comparativamente ao ano anterior, houve uma queda, em valor, de 6,1%; em volume, verificou-se uma significativa elevação de 27,6% e, nos preços médios, uma redução de 26,4%. O principal setor exportador do agronegócio gaúcho em 2015 foi o complexo soja, com 45,3% da pauta, seguido pelos setores de carnes (17,0%), fumo e seus produtos (13,8%), cereais, farinhas e preparações (6,2%), couros e peleteria (4,2%) e produtos florestais (3,9%).

Palavras-chave: agronegócio; comércio internacional; Rio Grande do Sul

Abstract

This article aims to present the export performance of the agribusiness of the State of Rio Grande do Sul in 2015. Alongside this objective, we also seek to sketch, through this publication, the analytical potential of the export database of the agribusiness exports created by the Department of Agribusiness Studies (NEA) of the Economics and Statistics Foundation (FEE). It was noted that the exports of the state's agribusiness, which, in 2015, totaled US\$11.7 billion, accounted for 68.1% of its total exports in 2015. Compared to the previous year, there was a fall in value of 6.1%, a significant increase of 27.6% in volume, and a reduction of 26.4% in average prices. The main export sector of the state's agribusiness in 2015 was the soy complex, with 45.3% of exports, followed by the meat industry (17.0%), tobacco and its products (13.8%), cereals, flour and preparations (6.2%), leather and hides (4.2%) and forestry products (3.9%).

Keywords: agribusiness; international trade; State of Rio Grande do Sul

1 Introdução

O comércio mundial sofreu, em 2015, sua primeira queda em valor (-13,2%) desde a crise do *subprime*. A diminuição das exportações mundiais é um fenômeno pouco frequente, tendo ocorrido apenas 10 vezes¹ desde a criação do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), em 1948. Em volume, observa-se a continuidade da ten-

* Artigo recebido em 19 jul. 2016.

Revisor de Língua Portuguesa: Elen Jane Medeiros Azambuja

** E-mail: sergio@fee.tche.br

¹ Segundo dados do WTO (2016a), quedas em valor nas exportações ocorreram nos seguintes anos: 1952 (-2,4%), 1958 (-3,5%), 1981 (-1,1%), 1982 (-6,4%), 1983 (-2,1%), 1985 (-0,2%), 1998 (-1,6%), 2001 (-4,1%), 2009 (-22,3%) e 2015 (-13,2%).

dência dos últimos cinco anos de modesto crescimento, abaixo dos 3,0% ao ano. Dessa forma, a magnitude da redução do valor das exportações mundiais, atribuída, em grande parte, ao arrefecimento dos preços das *commodities*, deve-se também à desaceleração da economia chinesa e à adoção de políticas monetárias divergentes entre as principais economias mundiais (WTO, 2016).

Já as exportações totais brasileiras recuaram pelo quarto ano seguido em 2015, em função, principalmente, da acentuada queda nos preços de todas as classes de produtos, sobretudo os básicos. A participação do Brasil no comércio mundial, mensurada pela razão entre as exportações nacionais e as importações mundiais, alcançou 1,16% em 2015. O Brasil vinha ganhando espaço no mercado mundial desde 2001, quando a razão era 0,92%. Contudo, desde o pico ocorrido em 2011 (1,39%), o País vem perdendo participação nas importações mundiais, movimento coincidente com o início da desvalorização da cotação das *commodities* no mercado internacional (ITC, 2016).

Enquanto, no Brasil, a partir de 2011, há uma queda nas exportações totais em valor e crescimento dos volumes exportados, no RS, essa dinâmica se apresenta somente a partir de 2013.² No ano de 2015, o valor exportado pelo Rio Grande do Sul se reduz, mas o volume aumenta significativamente, alcançando o ápice de toda a série. Como resultado dessas dinâmicas, verifica-se uma diminuição dos preços médios³ dos produtos exportados pelo Brasil e pelo Rio Grande do Sul nos últimos anos.

O presente artigo está dividido em cinco seções, incluindo esta **Introdução**. Na segunda seção, será apresentado o conceito de agronegócio. Na terceira seção, buscar-se-á discorrer sobre a fonte de dados e a metodologia. O desempenho das exportações do agronegócio gaúcho em 2015 será apresentado na quarta seção. A quinta seção tratará dos principais destinos das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul. Ao final, serão apresentadas as **Considerações finais**.

2 O conceito de agronegócio

O que se entende a partir do conceito de agricultura alterou-se substancialmente com o tempo, e essa mudança faz parte do processo histórico de evolução da humanidade. Um passo importante dessa evolução foi a Revolução Agrícola, ocorrida entre os séculos XVI e XIX, conhecida como a primeira revolução agrícola da era moderna. Segundo Mazoyer e Roudart (2001), na maior parte das regiões da Europa, foi verificado um conjunto de importantes melhoramentos na agricultura, em estreita ligação com a primeira revolução industrial. A partir desse processo, observou-se a formação de grandes explorações agropecuárias cercadas e com produtividade crescente. Como consequência dessa dinâmica, tem-se um significativo incremento das disponibilidades alimentares e dos excedentes agrícolas comerciáveis, que, por sua vez, condicionaram um desenvolvimento demográfico, industrial e urbano sem precedentes.

A partir desse ponto histórico, observa-se uma ascendente interdependência das cidades com o meio rural e da agricultura com as demais atividades econômicas existentes na época. Se, nos primórdios, o que se entendia por agricultura dizia respeito às atividades realizadas no âmbito da propriedade rural, com o passar dos séculos, começa a ser observada uma paulatina transferência de determinadas “atribuições” da agricultura para os demais setores econômicos.

Foi com o intuito de encapsular a desfragmentação dessa atividade, antes centrada na propriedade rural, que Davis e Goldberg (1957) criaram o conceito de agronegócio (*agribusiness*). Nas palavras dos autores, “[...] agronegócio é a soma total de todas as operações envolvendo a produção e distribuição de suprimentos agrícolas; as operações de produção dentro da fazenda; o armazenamento, processamento e distribuição de produtos agrícolas e dos itens produzidos a partir dele” (Davis; Goldberg, 1957, p. 2). Dessa forma, o que atualmente se entende por agronegócio na verdade equivale ao que se entendia por agricultura no século XVIII. Segundo os autores, com o passar dos anos, as atividades relacionadas à agricultura que eram executadas dentro das porteiras da propriedade rural passaram a ser executadas fora de sua esfera. Esse repasse de atribuições da agricultura para os demais setores pode ser considerado um fenômeno análogo ao que vem ocorrendo recentemente na indústria, em que se

² Em todas as análises realizadas neste artigo, não foram considerados os valores e os volumes exportados das plataformas de petróleo para os anos de 2008, 2013 e 2015. Sobre as razões para a exclusão desses valores, ver Garcia (2010).

³ Preços médios são obtidos através da razão entre o valor e o volume exportado. Os resultados do cálculo de preço médio para séries de tempo devem ser interpretados com cautela, pois, até mesmo quando auferido o preço médio de uma única NCM ao longo do tempo, é possível que o efeito-composição prevaleça e distorça a variação efetiva dos preços. Isso porque, mesmo no nível mais desagregado de análise das exportações — a NCM —, está-se analisando um conjunto de produtos, visto que uma NCM pode contemplar diversos produtos semelhantes, mas com preços diversos. Dessa forma, à medida que o nível de agregação se eleva, maior é o risco do efeito composição comprometer análises de preços ao longo do tempo.

observa uma vasta gama de atividades antes ditas industriais, mas que foram, e estão sendo, repassadas para o setor de serviços (industriais).

3 Fonte dos dados e metodologia

O universo de mercadorias avaliadas para a definição dos conjuntos de produtos do agronegócio é formado pela lista de códigos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). O Núcleo de Estudos do Agronegócio (NEA) da Fundação de Economia e Estatística (FEE) optou por definir dois conjuntos de mercadorias, para o cálculo das exportações do agronegócio: **Agronegócio FEE — versão ampla** e **Agronegócio FEE — versão restrita**.

No primeiro conjunto de produtos, estão incluídos: (a) bens finais e intermediários da agropecuária (segmento “dentro da porteira”); (b) bens finais e intermediários das atividades econômicas situadas a montante da agropecuária (segmento “antes da porteira”); (c) bens finais e intermediários das atividades industriais situadas a jusante da agropecuária (segmento “depois da porteira”).

Na segunda versão do cálculo das exportações, são abrangidos apenas: (a) os bens finais e intermediários da agropecuária (segmento “dentro da porteira”); (b) os bens finais e intermediários das atividades econômicas situadas a montante da agropecuária (segmento “antes da porteira”); (c) os bens finais e intermediários das atividades industriais situadas a jusante da agropecuária (segmento “depois da porteira”) que sejam resultado da **primeira** ou da **segunda** transformação da matéria-prima. Em resumo, a versão restrita diferencia-se da versão ampla em razão de suprimir alguns produtos não alimentícios de cadeias industriais cuja dinâmica produtiva é menos vinculada ao núcleo do agronegócio, ou seja, à agropecuária. Essa diferenciação faz especial sentido na medida em que as estatísticas de exportação do agronegócio da FEE também estão sendo concebidas para facilitar a avaliação da relevância da agropecuária para o ciclo de negócios e o desenvolvimento econômico tanto gaúcho quanto brasileiro (Feix; Leusin Junior, 2016).

Para o presente artigo, optou-se por utilizar a versão restrita, que possui 2.365 NCMs, divididas em 3 macrossetores e 38 setores. O macrossetor de produtos de origem predominantemente vegetal (macrossetor C) é o que abrange o maior número de setores (19) e de produtos (1.275 códigos da NCM). O macrossetor de produtos de origem predominante animal (macrossetor B) possui 10 setores e 812 produtos, enquanto o macrossetor de insumos, máquinas e equipamentos de uso agropecuário (macrossetor A) abrange 9 setores e 278 produtos. Na Tabela A.1, no **Apêndice**, é apresentada a participação percentual de cada macrossetor e setor, no total das exportações do agronegócio para o período 2007-15.

A fonte de dados brutos das exportações é o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). As estatísticas referem-se às quantidades e aos valores em dólares *free on board* (FOB), extraídos do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (AliceWeb), da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) (BRASIL, 2016a).

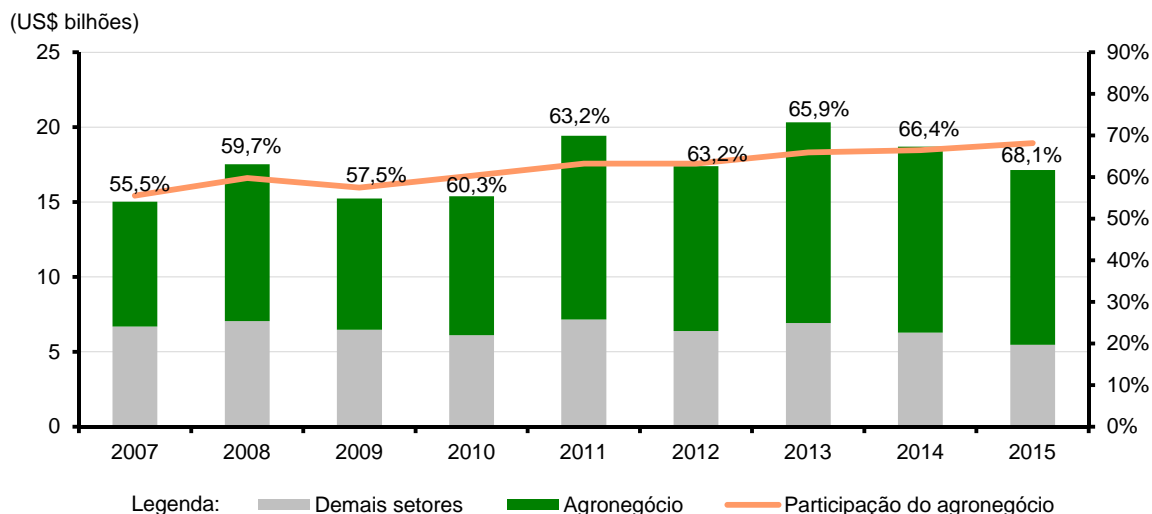
O critério adotado pelo MDIC para as exportações por unidade da Federação considera o estado produtor da mercadoria. Assim, por exemplo, quando há um valor de US\$ 9.878.602.143 exportado pelo Rio Grande do Sul em 2004, não significa que o total desse valor foi exportado por empresas sediadas no Estado. Esse foi o valor de mercadorias exportadas produzidas/extraídas/cultivadas no Rio Grande do Sul, independentemente de onde esteja localizada a empresa exportadora (BRASIL, 2016a).

4 Desempenho das exportações do agronegócio gaúcho

As exportações do agronegócio gaúcho em 2015 totalizaram US\$ 11,7 bilhões, valor que representa 68,1% das exportações totais do Estado. O Rio Grande do Sul foi responsável por 13,2% das exportações do agronegócio brasileiro em 2015. Comparativamente ao ano de 2014, observa-se uma queda em valores absolutos de US\$ 753,8 milhões. Em termos relativos, a queda em valor foi de 6,1%, resultado de uma elevação de 27,6% no volume e de uma queda de 26,4% nos preços médios. No mesmo ano, o agronegócio brasileiro exportou US\$ 88.025 milhões, valor 9,2% inferior ao verificado em 2014. No Brasil, houve uma elevação de 15,7% no volume exportado, enquanto o preço médio caiu 21,6%. Comparativamente ao Brasil, observa-se uma redução mais intensa do preço médio dos produtos exportados pelo Rio Grande do Sul. Ademais, vale destacar que, além do recorde no volume exportado, 2015 também foi o ano em que o agronegócio alcançou sua maior participação nas exportações totais do Estado desde 2007, como expõe o Gráfico 1.

Gráfico 1

Valor exportado pelo Rio Grande do Sul e participação do agronegócio gaúcho nas exportações totais do Brasil — 2007-15



LEGENDA: Demais setores Agronegócio Participação do agronegócio

LEGENDA: Demais setores Agronegócio Participação do agronegócio

FONTA: FEE (2016).
NOTA: Não foram consideradas as exportações das plataformas de petróleo para os anos de 2008, 2013 e 2015.

Os principais setores exportadores do agronegócio gaúcho em 2015 foram soja (US\$ 5,2 bilhões), carnes (US\$ 1,9 bilhão), fumo e seus produtos (US\$ 1,6 bilhão), cereais, farinhas e preparações (US\$ 727,7 milhões), couros e peleteria (US\$ 493,0 milhões) e produtos florestais (US\$ 456,6 milhões). Somados, esses cinco setores responderam por 90,5% da pauta de exportação do agronegócio do RS em 2015. Apesar da queda verificada no valor exportado pelo agronegócio gaúcho em 2015, o volume embarcado, com exceção de couros e peles, cresceu para todos os principais setores.

Tabela 1

Principais setores exportadores do agronegócio do RS — 2015

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (US\$ FOB)		PARTICIPAÇÃO % EM 2015	VARIACÃO (US\$)	VARIACÃO %		
	2014	2015			Valor	Volume	Preço
TOTAL	12.415.913.177	11.662.073.203	100,0	-753.839.974	-6,1	27,6	-26,4
Soja	5.374.308.735	5.286.979.244	45,3	-87.329.491	-1,6	31,2	-25,0
Carnes	2.241.464.203	1.981.569.512	17,0	-259.894.691	-11,6	1,9	-13,3
Fumo e seus produtos	1.901.338.149	1.607.206.808	13,8	-294.131.341	-15,5	7,3	-21,2
Cereais, farinhas e preparações	713.264.866	727.747.899	6,2	14.483.033	2,0	30,4	-21,7
Couros e peleteria	603.581.833	493.029.474	4,2	-110.552.359	-18,3	-10,0	-9,2
Produtos florestais	267.105.050	456.680.679	3,9	189.575.629	71,0	40,5	21,7
Demais setores	1.314.850.341	1.108.859.587	9,5	-205.990.754	-15,7	-	-

FONTA: FEE (2016).

Em se tratando dos setores que mais colaboraram para a queda das exportações gaúchas em 2015, comparativamente ao ano anterior, destacam-se os de fumo e seus produtos (US\$ -294,1 milhões; -15,5%), carnes (US\$ -259,9 milhões; -11,6%), máquinas e implementos agrícolas (US\$ -194,1 milhões; -40,6%), couros e peleteria (US\$ -110,5 milhões; -18,3%) e complexo soja (US\$ -87,3 milhões; 1,6%). Nesses setores, os produtos que se destacaram negativamente foram fumo não manufaturado (US\$ -277,6 milhões; -15,7%), carne de frango (US\$ -146,0 milhões; -10,9%), tratores agrícolas (US\$ -74,5 milhões; -29,3%), couros e peles (US\$ -110,5 milhões; -18,3%) e farelo de soja (US\$ -178,0 milhões; -15,4%).

Ajudaram a abrandar a queda nas exportações do agronegócio os setores de produtos florestais (mais US\$ 189,6 milhões; 71,0%), lácteos (mais US\$ 51,3 milhões; 133,4%) e cereais, farinhas e preparações (mais US\$ 14,5 milhões; 2,0%). Nesses setores, destacaram-se positivamente a celulose (mais US\$ 176,1 milhões; 136,0%), o leite em pó (mais US\$ 57,6 milhões; 190,6%) e o trigo (mais US\$ 212,3; 217,7%). Apesar do declínio ocorrido no complexo soja, a exportação de soja em grão, principal produto exportado pelo Estado, elevou-se 2,7% em valor e 38,4% em volume, o que reflete um recuo de 25,8% nos preços médios do produto.

Comparativamente aos principais estados exportadores dos produtos do agronegócio, quatro constatações elementares são dignas de destaque. Em 2015, o Rio Grande do Sul figurava como o quarto maior exportador do agronegócio, seja em valor, seja em volume exportado. O somatório dos quatro principais estados exportadores (SP, PR, MT e RS) contemplava mais de 60% das exportações totais do agronegócio brasileiro. Com exceção do Espírito Santo, ocorreram quedas nos valores vendidos por todos os principais estados exportadores do agronegócio. Quando a amostra considerada contemplou todos os estados da Federação, Acre, Amapá, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins somaram-se ao Espírito Santo, constituindo-se, portanto, em exceções ao movimento generalizado de declínio do valor exportado em 2015. Embora tenha ocorrido crescimento em volume para todos os principais estados exportadores do agronegócio, Mato Grosso do Sul e RS apresentaram crescimento significativamente superior à média dos demais estados.

Tabela 2

Exportações do agronegócio do Brasil — 2015

DISCRIMINAÇÃO	VALOR EM 2015 (US\$ FOB) (A)	VOLUME (Kg) (B)	PREÇO MÉDIO (A/B)	PARTICIPAÇÃO %	VARIAÇÃO % EM VALOR 2014/2015	VARIAÇÃO % EM VOLUME 2014/2015
São Paulo	16.338.496.174	27.666.944.057	0,59	18,6	-12,9	6,4
Mato Grosso	12.937.943.372	35.602.715.446	0,36	14,7	-11,4	15,2
Paraná	11.731.929.572	22.739.944.164	0,52	13,3	-8,5	12,0
Rio Grande do Sul	11.662.073.203	20.498.546.513	0,57	13,2	-6,1	27,6
Minas Gerais	7.316.653.805	8.100.382.099	0,90	8,3	-9,9	17,3
Goiás	4.657.685.691	9.859.694.112	0,47	5,3	-16,3	10,3
Santa Catarina	4.542.621.012	4.403.040.300	1,03	5,2	-15,7	0,1
Mato Grosso do Sul	4.491.108.992	10.638.133.472	0,42	5,1	-3,9	31,9
Bahia	3.998.680.723	7.447.626.411	0,54	4,5	-5,8	16,4
Espírito Santo	1.976.858.024	2.718.742.930	0,73	2,2	0,7	1,0
Demais estados	8.371.098.614	13.814.230.496	0,61	9,5	-	-
BRASIL	88.025.149.182	149.675.769.504	0,54	100,0	-9,2	15,7

FONTE: FEE (2016).

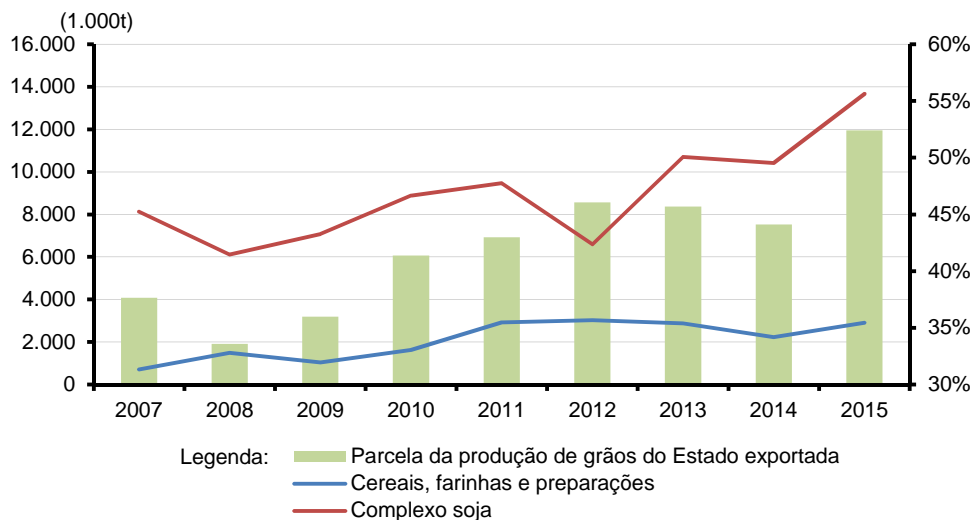
No que diz respeito aos preços médios dos produtos do agronegócio, fica latente a grande amplitude entre as unidades da Federação (UFs). Enquanto Santa Catarina tem o maior preço médio (US\$ 1,03/kg) entre os principais estados exportadores do agronegócio, Mato Grosso, segundo maior exportador em valor e recordista em volume embarcado, apresenta o segundo menor preço médio entre todas as UFs. O preço médio das exportações do MT é superior somente ao observado para Alagoas, estado de menor significância econômica e que exporta majoritariamente açúcar (88,4% de sua pauta). Como destacado anteriormente, análises de preços médios devem ser realizadas com cautela. Em princípio, o fator explicativo mais provável para essas discrepâncias está relacionado à especialização produtiva e ao nível de concentração setorial da pauta de exportação dos estados. Problemas de infraestrutura, como os observados no Mato Grosso, associados a uma distância comparativamente maior dos portos, provavelmente são fatores condicionantes para o baixo preço verificado nesse Estado. O que determina o nível dos preços nesse caso possivelmente esteja relacionado à baixa diversidade de sua pauta exportadora, significativamente concentrada no complexo soja.

4.1 Os principais setores exportadores

O macrossetor de produtos de origem vegetal foi o que teve a maior participação (72,7%) nas exportações totais do agronegócio gaúcho em 2015; em seguida, com participação de 23,1%, está o macrossetor de produtos de origem animal. O macrossetor de insumos, máquinas e equipamentos de uso agropecuário, que já teve uma participação mais expressiva, respondeu por 4,2% das exportações totais do agronegócio gaúcho. Nos últimos nove anos (2007-15), observou-se o avanço da participação do macrossetor dos produtos de origem vegetal (13,6 p.p.) em detrimento do recuo da participação dos macrossetores de insumos, máquinas e equipamentos de uso agropecuário (-5,9 p.p.), assim como dos produtos de origem animal (-7,6 p.p.). A causa mais provável para essa dinâmica não está relacionada unicamente ao avanço da produção total de grãos no Estado, mas também a uma maior parcela dessa produção destinada ao mercado externo. O Gráfico 2, que relaciona o volume exportado pelo complexo soja e pelo setor de cereais, farinhas e preparações com a produção total de grãos, reforça essa hipótese. Enquanto, no ano de 2007, o volume exportado desses dois setores representava 37,6% da produção total de grãos do Estado, em 2015, esse montante alcançou 52,4%.

Gráfico 2

Volume exportado pelo Rio Grande do Sul do complexo soja, do setor de cereais, farinhas e preparações e parcela da produção gaúcha de grãos destinada ao mercado externo — 2007-15



FONTES DOS DADOS BRUTOS: Conab (2016).
FEE (2016).

4.1.1 Macrossetor dos produtos de origem predominantemente vegetal

As exportações do macrossetor dos produtos de origem predominantemente vegetal totalizaram, em 2015, US\$ 8,5 bilhões. Comparativamente ao ano de 2014, houve uma queda, em valores absolutos, de US\$ 210,8 milhões e, em termos relativos, de 2,4%. Em volume, verificou-se uma significativa elevação (30,8%), enquanto os preços médios caíram (25,4%). Os cinco produtos com maiores quedas absolutas em 2015 foram fumo não manufaturado (US\$ -277,6 milhões), farelo de soja (US\$ -178,0 milhões), milho (US\$ -169,6 milhões), arroz (US\$ -31,3 milhões) e biodiesel (US\$ -22,5 milhões). Apesar da redução em valor, as exportações de fumo não manufaturado, farelo de soja e arroz cresceram em volume embarcado, movimento que coincide com os sentidos do desempenho da produção desses produtos no ano de 2015, em comparação ao ano de 2014. Segundo dados da Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2016b) e do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE, 2016), a produção gaúcha de fumo em 2015 cresceu 0,6%; a de soja, 20,4%, e a de arroz, 5,3%. A produção gaúcha de milho cresceu 4,5%; contudo, devido à escassez do grão no mercado doméstico, é provável que os preços internacionais não tenham gerado incentivo suficiente para a sua exportação. Ademais, a forte queda em termos relativos do milho, seja em valor, seja em volume, deve-se também ao nível atípico de exportações alcançado pelo Estado para esse produto em 2014, o que gerou uma base de comparação fora do padrão verificado nos outros anos. No caso do biodiesel, observa-se que esse não é um produto destinado à exportação e que sua demanda é determinada pelo consumo de diesel B no Brasil. Atualmente, o percentual de mistura compulsória estabelecida por lei nacional é de 7% de biodiesel ao óleo diesel vendido ao consumidor. Dessa forma, a exportação de biodiesel é resultado da oferta não absorvida pela demanda doméstica.

No sentido inverso, os produtos que tiveram as maiores altas em termos absolutos foram o trigo (US\$ 212,3 milhões), a celulose (US\$ 176,2 milhões) e a soja em grão (US\$ 108,9 milhões). O crescimento verificado no trigo é explicado pela baixa qualidade do grão colhido no Estado, impróprio para a produção de pães, tendo, dessa forma, sua oferta destinada à exportação, em parcela superior a do padrão histórico. O desempenho da celulose, produto majoritariamente destinado ao mercado externo, deve-se à expansão da capacidade produtiva da empresa Celulose Riograndense, em Guaíba. A boa safra de soja verificada no RS, em 2015, apesar da queda nos preços da oleaginosa, foi determinante para o incremento do valor e do volume exportado. Vale destacar também o aumento nas exportações de maçã. O Rio Grande do Sul e Santa Catarina são os principais produtores nacionais desse produto. A maçã produzida no RS é voltada principalmente para o mercado doméstico, mas a boa safra de 2015, a valorização do dólar e a qualidade do produto colhido nesse ano contribuíram para o incremento do valor e do volume embarcado.

Tabela 3

Principais contribuições negativas dos produtos de origem vegetal para o desempenho das exportações do agronegócio do RS — 2015

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (US\$ FOB)		PARTICIPAÇÃO % EM 2015	VARIACÃO (US\$ FOB)	VARIACÃO %		
	2014	2015			Valor	Volume	Preço
Produtos de origem vegetal	8.683.898.570	8.473.077.374	72,7	-210.821.196	-2,4	30,8	-25,4
Fumo não manufaturado	1.772.762.743	1.495.137.520	12,8	-277.625.223	-15,7	4,5	-19,3
Farelo de soja	1.158.207.171	980.181.438	8,4	-178.025.733	-15,4	10,2	-23,2
Milho	234.735.754	65.120.280	0,6	-169.615.474	-72,3	-67,6	-14,5
Arroz	370.081.082	338.735.099	2,9	-31.345.983	-8,5	6,7	-14,2
Biodiesel	22.510.831	28.427	0,0	-22.482.404	-99,9	-99,9	2.165,1

FONTE: FEE (2016).

4.1.2 Macrossetor dos produtos de origem predominantemente animal

O Brasil está entre os maiores exportadores de proteína animal. Em 2015, o País figurava como maior exportador de carne de frango, segundo maior de carne bovina e terceiro maior de carne suína (USDA, 2016). No que diz respeito à produção nacional de carne de frango, Paraná (30,6%), Santa Catarina (15,2%) e Rio Grande do Sul (13,8%) concentraram quase 60% dos abates de frangos no País, em 2015 (IBGE, 2016a). Contudo, dentre os principais produtores nacionais, o Rio Grande do Sul é o estado com a maior parcela de sua produção destinada ao setor externo (45,5%), seguido por Santa Catarina (42,0%) e Paraná (35,6%) (FEE, 2016; IBGE, 2016a).⁴ As exportações de carne de frango, terceiro principal produto da pauta exportadora do agronegócio gaúcho, caíram 10,9% em 2015, puxadas, principalmente, pela queda nos preços (-12,4%), visto o crescimento do volume embarcado (1,7%).

A segunda maior redução em termos absolutos, em 2015, no macrossetor dos produtos de origem animal ocorreu no subsetor de couros e peles. As quedas no volume embarcado (-10,0%) e nos preços médios (-9,2%) foram determinantes para a redução do valor exportado de couros e peles (-18,3%). Apesar da expectativa que a desvalorização cambial⁵ gerou no setor, o desejado incremento das remessas exteriores de calçados de couro⁶, em detrimento da inflexão das exportações de couros e peles, aparentemente não ocorreu. As exportações de calçados de couro caíram menos, seja em valor (-10,5%), seja em volume (-4,0%), comparativamente às exportações de couros e peles.

Tabela 4

Principais contribuições negativas dos produtos de origem animal para o desempenho das exportações do agronegócio do RS — 2015

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (US\$ FOB)		PARTICIPAÇÃO % EM 2015	VARIACÃO (US\$)	VARIACÃO %		
	2014	2015			Valor	Volume	Preço
Produtos de origem animal	3.013.602.213	2.696.954.403	23,1	-316.647.810	-10,5	2,5	-12,7
Carne de frango	1.338.722.683	1.192.715.181	10,2	-146.007.502	-10,9	1,7	-12,4
Couros e peles	603.407.221	492.906.486	4,2	-110.500.735	-18,3	-10,0	-9,2
Carne suína	460.360.921	428.183.517	3,7	-32.177.404	-7,0	21,1	-23,2
Carne bovina	228.566.729	212.329.805	1,8	-16.236.924	-7,1	-4,2	-3,0

FONTE: FEE (2016).

Em 2015, o destaque positivo do macrossetor dos produtos de origem animal ficou por conta das exportações de leite em pó, com crescimento de 190,6% em valor e 193,6% em volume. O setor vem ganhando espaço na pauta de exportação do agronegócio gaúcho desde o início dos embarques para a Venezuela em 2007. Atualmente, o País é o destino de mais de 90% das exportações do setor.

⁴ É provável que, efetivamente, essa relação esteja superestimada, pois, enquanto os volumes exportados em quilograma retratam o peso de um produto (NCM) mais próximo do consumidor final, os dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, do IBGE, expressam o peso total das carcaças recebidas pelos abatedouros, ou seja, não são consideradas possíveis perdas ocorridas no processo de abate ou beneficiamento, quando realizados.

⁵ A desvalorização do real frente ao dólar foi de 41,8% em 2015, comparativamente a 2014.

⁶ Calçados de couro não constam na classificação do agronegócio restrito do NEA/FEE, somente na classificação do agronegócio ampla.

4.1.3 Macrossetor de insumos, máquinas e equipamentos de uso agropecuário

O Rio Grande do Sul é o maior produtor nacional de máquinas e implementos agrícolas. O mercado doméstico absorve a maior parte das máquinas e implementos, mas os países da América do Sul também são tradicionais compradores. A partir de 2010, porém, por conta do programa de substituição das importações para esse segmento, posto em voga na Argentina pelo último Governo Kirchner, o principal comprador externo das máquinas gaúchas está em vias de se tornar potencial concorrente nos mercados sul-americanos e africanos.

Em 2015, as exportações de tratores agrícolas caíram 29,3%. Também foram registradas quedas significativas nas vendas externas de colheitadeiras (-63,9%) e de semeadeiras e plantadeiras (-60,5%). Na contramão desse movimento, mas também associado ao andamento do programa de substituição de importações argentino, observa-se o crescimento de 9,2% no valor exportado de partes, peças e componentes de máquinas e equipamentos agropecuários. Essa tendência deve permanecer no médio prazo, haja vista a incompleta internalização da produção na cadeia argentina de máquinas e implementos agrícolas. Contudo, se a política argentina obtiver sucesso, é possível que, nos próximos anos, esse segmento também apresente tendência de diminuição nas exportações.

Tabela 5

Macrossetor de insumos, máquinas e equipamentos de uso agropecuário exportados pelo RS — 2014-15

DISCRIMINAÇÃO	VALOR (US\$ FOB)		PARTICIPAÇÃO % EM 2015	VARIACÃO (US\$)	VARIACÃO %		
	2014	2015			Valor	Volume	Preço
Insumos, máquinas e equipamentos de uso agropecuário	718.412.394	492.041.426	4,2	-226.370.968	-31,5	-24,4	-9,4
Tratores agrícolas	254.515.092	179.979.106	1,5	-74.535.986	-29,3	-26,2	-4,1
Colheitadeiras	109.167.079	39.445.754	0,3	-69.721.325	-63,9	-62,1	-4,6
Semeadeiras e plantadeiras	69.983.800	27.670.369	0,2	-42.313.431	-60,5	-54,7	-12,7
Partes, peças e componentes de máquinas e equipamentos agropecuários	85.381.042	93.195.716	0,8	7.814.674	9,2	16,6	-6,4

FONTE: FEE (2016).

5 Os principais destinos das exportações

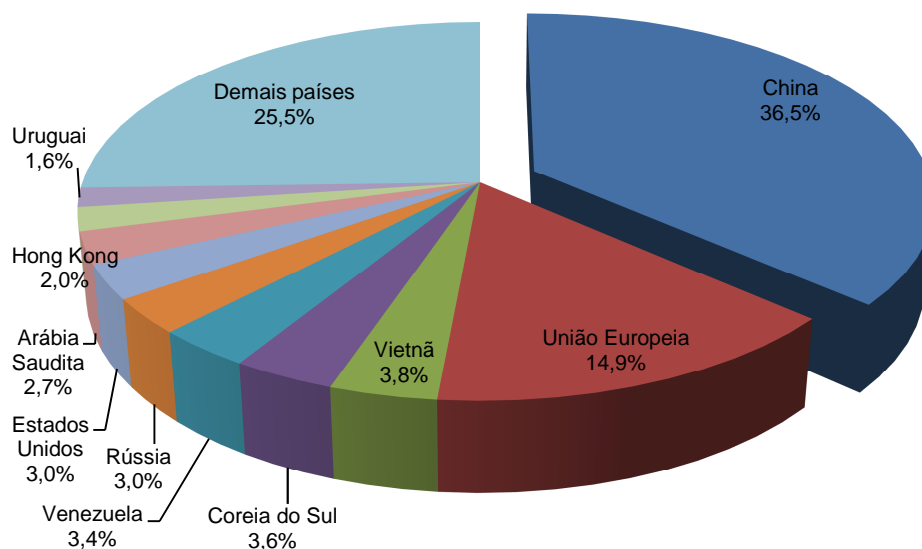
Os principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho em 2015 foram China (US\$ 4,3 bilhões; 36,5%), União Europeia (US\$ 1,7 bilhão; 14,9%), Vietnã (US\$ 438,4 milhões; 3,8%), Coreia do Sul (US\$ 419,5 milhões; 3,6%), Venezuela (US\$ 395,1 milhões; 3,4%), Rússia (US\$ 352,7 milhões; 3,0%), Estados Unidos (US\$ 346,5 milhões; 3,0%) e Arábia Saudita (US\$ 317,8 milhões; 2,7%). Somados, esses oito destinos responderam por 70,9% das exportações gaúchas do agronegócio em 2015.

As exportações do agronegócio gaúcho para a China apresentaram pequena redução em 2015, comparativamente a 2014 (-0,1%). Essa redução se mostra significativamente inferior à observada nas importações chinesas totais (-14,1%). Padrão semelhante se verifica na União Europeia⁷, em que as importações totais do bloco caíram 13,4%, enquanto as importações dos produtos do agronegócio gaúcho caíram 12,3% em 2015, em comparação a 2014. Dentro dessa ótica de análise, com base no desempenho das exportações, é possível separar os países em três grupos e uma exceção. No primeiro grupo, constam China e União Europeia, em que as importações totais caíram mais que as importações do agronegócio gaúcho. No segundo grupo, que tem Estados Unidos, Hong Kong e Uruguai, observa-se um padrão no qual as importações do agronegócio do RS apresentam queda superior a das importações totais. Já no terceiro grupo, representado por Coreia do Sul, Venezuela, Rússia e Arábia Saudita, verificam-se sentidos opostos nas variações, com as importações totais caindo em 2015, em relação a 2014, mas com as importações do agronegócio gaúcho crescendo. O Vietnã figura como exceção, visto que suas importações totais subiram, e as importações do agronegócio gaúcho cresceram ainda mais.

⁷ A classificação adotada para definir os países da União Europeia é a que abrange 28 países: Bélgica, Países Baixos (Holanda), Eslovênia, Espanha, Alemanha, Itália, Reino Unido, França, Polônia, Portugal, Romênia, Grécia, Lituânia, Letônia, Bulgária, República Tcheca, Dinamarca, Irlanda, Hungria, Croácia, Luxemburgo, Áustria, Malta, Suécia, Finlândia, Estônia, Eslováquia e Chipre.

Gráfico 3

Distribuição percentual da participação dos principais destinos nas exportações do agronegócio do RS — 2015



FONTE: FEE (2016).

Tabela 6

Dados estilizados sobre comércio e Produto Interno Bruto (PIB) para o Brasil, o Rio Grande do Sul e os principais importadores do agronegócio gaúcho — 2014-15

DESTINOS	2015		PARTICIPAÇÃO (%) DO AGRONEGÓCIO GAÚCHO NAS IMPORTAÇÕES TOTAIS	VARIÇÃO RELATIVA NO VALOR IMPORTADO (%) 2014/2015		VARIÇÃO % REAL DO PIB 2014/2015
	Importações Totais (US\$ 1000 FOB) (A)	Importações do Agronegócio Gaúcho (US\$ 1.000 FOB) (B)		Total (A)	Agronegócio (B)	
Mundo	16.480.015.100	11.662.073	0,07	-13,4	-6,1	3,1
Brasil	171.446.212	-	-	-25,2	-	-3,8
Rio Grande do Sul	10.020.684	-	-	-33,0	-	-3,4
China	1.681.670.816	4.258.185	0,25	-14,1	-0,1	6,9
União Europeia	5.214.965.390	1.743.181	0,03	-13,4	-12,3	1,9
Vietnã	(1) 188.784.183	438.415	0,23	27,7	39,8	6,7
Coreia do Sul	436.547.721	419.452	0,10	-16,9	17,4	2,6
Venezuela	(1) 27.790.209	395.076	1,42	-27,0	4,9	-5,7
Rússia	177.292.663	352.670	0,20	-38,1	8,2	-3,7
Estados Unidos	2.306.822.161	346.503	0,02	-4,3	-17,2	2,4
Arábia Saudita	169.967.750	317.766	0,19	-2,2	36,3	3,4
Hong Kong	547.568.456	231.751	0,04	-8,8	-21,0	2,4
Uruguai	9.246.512	190.982	2,07	-14,1	-17,2	1,5

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IMF (2016a).
IBGE (2015).
FEE (2016a).
European Commission (2016).
ITC (2016).

(1) Dados de comércio para o Vietnã e a Venezuela obtidos a partir de dados reportados pelos seus parceiros comerciais.

Chama atenção a significativa participação das exportações do agronegócio gaúcho nas importações totais do Uruguai (2,0%), da Venezuela (1,42%) e, em menor grau, da China (0,25%), do Vietnã (0,23%), da Rússia (0,20%) e da Arábia Saudita (0,19%).

Uma análise de maior fôlego poderia ser realizada no sentido de compreender as implicações das elasticidades (renda e preço) da demanda por produtos do agronegócio. Grosso modo, esperar-se-ia que a elasticidade-renda da demanda por produtos do agronegócio, em especial pelos alimentos, fosse inferior à da unidade, ou seja, os produtos do agronegócio tenderiam a mostrar-se menos sensíveis a variações na renda, comparativa-

mente aos demais bens.⁸ Dentro dessa lógica, somente a China e a União Europeia aparentam apresentar uma dinâmica condizente com o preconizado pela teoria microeconômica. Uma leitura rígida da teoria microeconômica também apontaria uma dinâmica diversa do esperado para a Rússia e a Venezuela. Dada a queda no Produto Interno Bruto (PIB) ocorrida nesses países, esperar-se-ia uma queda nas importações totais superior à queda nas importações do agronegócio; contudo, as importações do agronegócio cresceram. Em 2015, tanto na Venezuela como na Rússia, outros fatores influenciaram a escolha dos parceiros comerciais preferenciais. É possível que esse crescimento seja resultado da substituição de parceiros, não de um aumento efetivo de demanda nesses países.

De modo geral, as importações do agronegócio gaúcho caíram menos que as importações totais. Essa dinâmica é explicada principalmente pelo desempenho dos países em desenvolvimento. Nesses países, a demanda por alimentos tende a cair menos (e expandir mais) *vis-à-vis* a renda.⁹

Quanto à elasticidade-preço da demanda, vale destacar que mercados definidos de forma específica tendem a ter demanda mais elástica do que mercados definidos de forma abrangente, uma vez que é mais fácil encontrar substitutos para bens especificamente definidos.¹⁰ Os alimentos, por exemplo, têm demanda muito inelástica a preços, por serem uma categoria ampla sem substitutos próximos. Dessa forma, a queda verificada nos preços dos produtos do agronegócio, sinalizada pela redução no preço de importantes *commodities* alimentícias, apresentaria um potencial pequeno de incremento nos volumes exportados. Uma tese que poderia ser ventilada é a possibilidade de que a baixa nos preços não seja uma resposta explicada unicamente pelos vetores macroeconômicos tradicionais (queda do preço do petróleo, desaceleração da economia mundial, arbitragem internacional de juros, etc.). É possível que a desvalorização de algumas moedas, como é o caso do real, tenha ampliado a margem de negociação dos importadores dos produtos exportados pelo Brasil, possibilitando que exigissem volumes maiores de produtos embarcados por um valor menor ou próximo dos praticados em 2014. Para o importador, essa parece ser uma estratégia interessante, pois mantém inalterada sua restrição orçamentária internacional. Da mesma forma, para o exportador, há uma ampliação ou, no mínimo, uma garantia de manutenção de seu *market share* no mercado internacional sem diminuição ou, pelo menos, com manutenção, da sua rentabilidade na moeda doméstica.

5.1 A pauta exportadora para os principais destinos

Quanto à estrutura das exportações para a China, destaca-se a elevada concentração dos produtos de origem vegetal, sobretudo a soja em grão, que detém 85,2% da pauta. Em seguida, aparece o fumo, com 6,2% da pauta em 2015. A queda nas exportações de fumo e seus produtos (US\$ -69,6 milhões), assim como de couros e peleteria (US\$ -7,1 milhões), ajuda a explicar uma parcela significativa da redução do valor exportado para a China. Os incrementos nas vendas de produtos florestais — notadamente a celulose (US\$ 45,5 milhões) —, do complexo soja (US\$ 15,3 milhões) e de carnes (US\$ 12,1 milhões) abrandou a situação. Conforme relatado anteriormente, o crescimento nas exportações de celulose se deve à ampliação da capacidade produtiva da Celulose Riograndense. Já no caso das carnes, o ano de 2015 marcou a retomada das exportações gaúchas das três principais proteínas animais (suína, de frango e bovina) para o país asiático. Desde 2006, não ocorriam exportações de carne suína, e, desde 2004, não se observava o embarque de carne bovina.

A União Europeia, segundo principal destino das exportações do agronegócio gaúcho, é um tradicional importador do complexo soja (37,7%), de fumo e seus produtos (32,7%), de carnes (12,3%) e de couros e peleteria (6,1%). Mais recentemente, o bloco passou a importar, em maior intensidade, produtos florestais (celulose). Em 2014, as importações desse setor pelo bloco europeu concentravam 0,8% da pauta, porém, em 2015, elevaram-se para 4,4% — de US\$ 15,9 milhões para US\$ 76,3 milhões. Ademais, o setor de produtos florestais foi o único,

⁸ Em 1857, o estatístico alemão Ernst Engel mostrou, em um estudo de orçamentos familiares, que a proporção da renda gasta com alimentos diminui à medida que a renda familiar aumenta. Essa afirmativa é hoje denominada Lei de Engel (Hoffmann, 2000).

⁹ O consumo de alimentos, em termos físicos (absolutos), não cresce indefinidamente quando a renda se eleva, tendendo a estagnar a partir de certos limites. Dessa forma, pode ser sugerido que os países em desenvolvimento, comparativamente aos desenvolvidos, tenderiam a apresentar, tudo o mais permanecendo constante, uma elasticidade-renda da demanda por alimentos maior. A análise de Zhou (2014) para o caso da China sugere que, quanto menor é a renda do consumidor, maior é a elasticidade-renda da demanda por calorias, e que, conforme a renda cresce, maior a tendência da elasticidade-renda da demanda de diminuir até tornar-se inelástica.

¹⁰ Os alimentos, compreendidos como uma categoria de produto, apresentam demanda menos elástica, pois não possuem bens substitutos e são essenciais. Contudo, quando essa categoria é definida de forma específica, como carnes, por exemplo, verifica-se um grande número de bens substitutos, e a demanda vai tornando-se mais elástica. Dessa forma, quanto mais específico for o produto, mais elástico ele tende a ser.

entre os cinco principais, que não apresentou queda em valor exportado em 2015. Somados esses cinco setores, têm-se 93,1% da pauta de exportação do agronegócio gaúcho para o bloco europeu.

Apesar da constatação de que 90,5% das exportações do agronegócio gaúcho estão concentrados em seis setores (complexo soja; carnes; fumo e seus produtos; cereais, farinhas e preparações; couros e peleteria; produtos florestais) e que sete destinos (China, União Europeia, Vietnã, Coreia do Sul, Venezuela, Rússia e EUA) responderam por 68,2% da total exportado em 2015, algumas particularidades dessas exportações podem ser salientadas, quando postas em perspectiva comparada. O Quadro A.1, no **Apêndice**, apresenta as exportações do agronegócio gaúcho, seus principais destinos mais o mundo, os principais setores e os produtos importados por destino, a participação de cada setor na pauta de importação dos países de destino e o preço médio do principal produto de cada setor.

O complexo soja é o principal setor para quatro dos sete maiores importadores do agronegócio gaúcho, quais sejam China, União Europeia, Vietnã e Coreia do Sul. No caso da China, além do fato de o País ser o maior importador e ter seis setores que explicam 99,8% de sua pauta, o complexo soja concentra 86,8% do total importado pelo País. A União Europeia e a Coreia do Sul, diferentemente dos demais, têm como principal produto importado desse complexo o farelo de soja. Apesar da semelhança entre o preço da soja em grão e o do farelo de soja, a venda desse último pode ser interpretada como mais benéfica para o RS, porque o farelo de soja é o principal subproduto do esmagamento da soja, o qual tem o óleo de soja como o subproduto de maior preço.

Para todos os principais destinos listados no Quadro A.1, as carnes aparecem entre os setores com maior participação na pauta, sendo que, no caso da Venezuela e da Rússia, lideram as vendas. O principal produto do setor de carnes gaúcho é a carne de frango. A União Europeia e os EUA diferenciam-se por importarem majoritariamente carne bovina, já no caso da Rússia, o destaque é a carne suína. A carne bovina apresenta o maior preço médio, US\$ 8,30/kg no caso dos EUA e US\$ 5,0/kg no da União Europeia, seguida da carne suína, com preço médio de US\$ 2,74, enquanto a carne de frango varia de US\$ 0,69/kg para o Vietnã até US\$ 2,32/kg para a Venezuela. O preço relativamente inferior para o Vietnã é explicado pelo perfil da carne de frango importada, composto por pedaços e miudezas congelados, enquanto, para os demais destinos, sobressaem-se as exportações de carne de frango não cortada congelada.

Um elemento determinante do volume exportado de carnes pelo RS é o número de frigoríficos habilitados para a exportação. China, Vietnã, Venezuela e Rússia autorizaram frigoríficos gaúchos a exportar os três principais tipos de carnes produzidas pelo Estado. Há somente um frigorífico habilitado à exportação para os Estados Unidos e, nesse caso em específico, só há a permissão de exportar carne industrializada (enlatada).

Tabela 7

Número de frigoríficos gaúchos habilitados para a exportação por tipo de carne e por país de destino — 2015

PAÍSES DE DESTINO	TIPOS DE CARNE		
	De Aves	Bovina	Suína
China	7	2	2
União Europeia	7	4	0
Vietnã	13	1	6
Coreia do Sul	2	0	0
Venezuela	11	2	7
Rússia	5	3	7
Estados Unidos	0	1	0

FONTE: Brasil (2016).

No total, no Rio Grande do Sul, há 11 frigoríferos habilitados para a exportação de carne de aves, oito de carne suína e seis de carne bovina, dos quais quatro estão certificados para exportar para a União Europeia, dentro da cota Hilton¹¹. A título de comparação, o número de informantes no Estado que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utilizou para a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais em 2015 foi de aproximadamente 230 para o abate de bovinos, 150 para o de suínos e 38 para o de aves.

O Brasil é um dos maiores produtores de fumo no mundo e, há vários anos, líder mundial das exportações. Cerca de 30% da produção nacional são destinados ao mercado externo (FEE, 2016; IBGE, 2016).¹² Os Estados

¹¹ A cota Hilton é uma cota de importação imposta pela União Europeia. Importações dentro desta cota possuem uma taxa de importação de 20% *ad valorem*. A tarifa extracota é de 12,8% mais 303,4 euros por 100 quilos de carne. A cota brasileira é de 10 mil toneladas anuais. A cota Hilton é constituída de cortes especiais do quarto traseiro, de novilhos precoces. Somente Argentina, Austrália, Brasil, Uruguai, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá e Paraguai têm acesso a essa cota.

¹² É provável que esse percentual esteja subestimado, dado que o volume da produção captado pelo IBGE no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) considera o produto ainda úmido, enquanto o fumo exportado é seco.

do Paraná (20,5%), de Santa Catarina (29,6%) e do Rio Grande do Sul (47,9%) concentraram quase a totalidade (98%) da produção de fumo brasileira de 2015 (IBGE, 2016). No que diz respeito às exportações, o Rio Grande do Sul, maior exportador do País, com 73,5% do total em 2015, vendeu principalmente fumo não manufaturado do tipo Virginia para mais de 90 países. A União Europeia é o maior importador do fumo gaúcho, com 35,5% do total exportado pelo Estado, em seguida, encontram-se a China (16,3%), os EUA (10,9%) e a Rússia (5,8%).

O principal produto de exportação do setor de cereais, farinhas e preparações é o arroz, com 2,9% do valor total exportado pelo agronegócio gaúcho em 2015; em seguida, estão o trigo (2,7%) e o milho (0,6%). Os principais importadores de arroz do Estado em 2015 foram Cuba (22,5%), Peru (9,4%), Senegal (9,3%), Venezuela (7,7%), Serra Leoa (6,8%) e Iraque (6,8%). No caso do trigo, dado que o Brasil não é autossuficiente nesse cereal, o fator determinante das exportações é a qualidade do grão. O trigo de primeira linha, próprio para a panificação, tem sua oferta destinada ao mercado doméstico, mas, quando o cereal não atinge classificação para moagem, é frequentemente destinado ao mercado externo, sendo utilizado para alimentação animal, com valor comercial reduzido.

O bloco europeu foi o principal destino dos couros e das peles exportados pelo Rio Grande do Sul em 2015, sendo responsável por 21,3% desses produtos vendidos pelo Estado. Na sequência, aparecem a China (15,6%), os Estados Unidos (15,1%), Hong Kong (11,6%), o Vietnã (8,0%), a Coreia do Sul (4,7%) e o México (4,0%), destinos que, somados à União Europeia, concentram 80,2% do valor exportado pelo setor em 2015. Estados Unidos, México e Noruega se destacam pelo fato de o preço médio do couro importado ser significativamente superior ao da média dos demais destinos. Enquanto o preço médio do couro vendido pelo Estado em 2015 foi de US\$ 6,6/kg, ele variou entre US\$ 22,2/kg para os Estados Unidos e US\$ 28,1/kg para a Noruega. A título de comparação, o preço médio do couro vendido para a China foi de US\$ 3,4/kg, para Hong Kong, US\$ 15,1/kg e para o Vietnã, US\$ 4,0/kg. Os diferenciais nos preços se justificam pelo tipo de couro importado, pois, enquanto para a China, há uma grande concentração das compras de couros e peles curtidos, para os Estados Unidos, por exemplo, a participação de couros e peles preparados é significativamente superior.

Em se tratando da celulose, mesmo tendo ganhado destaque em análises acerca do desempenho das exportações gaúchas nos últimos anos, o produto não foi o de maior significação econômica no setor de produtos florestais, em 2015. Esse setor respondeu por 8,3% do total do valor exportado pelo agronegócio gaúcho em 2015, sendo constituído principalmente de manufaturas de madeiras e demais madeiras¹³ (52,4% do setor), enquanto a celulose participou com 39,0% do total. Contudo, dado que o impacto nas exportações decorrente da ampliação da capacidade instalada¹⁴ da empresa Celulose Riograndense passou a ser verificada a partir de junho de 2015, é provável que, a partir de 2016, a celulose se torne o principal produto do setor de produtos florestais do Estado. As demais madeiras e manufaturas de madeiras são importadas, sobretudo pelo Japão, que concentrou 68,1% do valor exportado em 2015, seguido pela Índia (15,2%) e pela China (11,6%). Já a celulose tem como principal destino a China, com 44% do total exportado pelo Estado, seguida da União Europeia (24,6%), dos Estados Unidos (7,8%) e da Coreia do Sul (7,1%).

6 Considerações finais

O ano de 2015 pode ser considerado um ano importante para o agronegócio gaúcho. A queda no valor exportado pode ser relativizada a partir da baixa nos preços internacionais de diversas *commodities* e do menor dinamismo econômico verificado em tradicionais importadores do Estado. Ademais, vale destacar que o desempenho das exportações do agronegócio do RS está em linha com a queda no valor das exportações mundiais verificado em 2015. Apesar da redução no valor exportado pelo agronegócio gaúcho, o volume embarcado cresceu para todos os principais setores, com exceção do de couros e peles. O ano de 2015 também estabeleceu um novo recorde no volume exportado e marcou o período em que o agronegócio alcançou sua maior participação nas exportações totais do Estado desde 2007. Em 2015, o Rio Grande do Sul figurou como o quarto maior exportador do agronegócio entre os estados brasileiros, seja em valor, seja em volume exportado.

Algumas peculiaridades devem ser ressaltadas no complexo soja, principal setor exportador do Rio Grande do Sul. Observou-se, em 2015, um substancial incremento nas exportações do grão, mas uma significativa redução nas remessas de farelo de soja. A exportação de farelo de soja sinaliza que uma parcela do grão foi beneficiada domesticamente, gerando não somente maior renda doméstica, mas também um segundo subproduto — óleo de soja — de maior valor agregado. O farelo de soja é um produto destinado à alimentação animal, porém, na

¹³ Grupo de produtos composto por paletes, caixotes, madeiras densificadas, carvão vegetal, entre outros.

¹⁴ A capacidade instalada nominal passou de 450.000 toneladas para 1.750 toneladas de celulose por ano.

União Europeia, um dos maiores importadores desse produto, o mercado de carnes provavelmente se encontra saturado, em grande medida devido ao patamar da renda *per capita* dos europeus e à baixa sensibilidade a variações na renda que as carnes geralmente apresentam em países com essas características. Dessa forma, os potenciais mercados compradores do farelo de soja e de carnes são os países de rendas baixa e média e que tenham perspectivas de crescimento da renda nacional no longo prazo.

No caso específico das carnes, o ano de 2015 marcou a retomada das exportações das três principais proteínas animais (suína, de frango e bovina) para a China. Desde 2006, não era exportada carne suína, e, desde 2004, não ocorriam embarques de carne bovina para o país asiático.

As carnes, segundo principal setor exportador do Estado, merecem particular atenção, não somente em razão do seu preço superior à média dos demais produtos do agronegócio, mas também devido ao seu grande potencial de crescimento no volume exportado. É necessário compreender o setor de carnes como o elo final de uma importante cadeia produtiva do agronegócio. Dado que o Rio Grande do Sul é um grande produtor de grãos, e considerando que esses figuram como principal insumo para a produção de carnes, o Estado poderia auferir maior renda, se houvesse condições de realizar, em maior grau, a conversão da proteína vegetal (grãos) em proteína animal (carnes, lácteos e ovos).

Apêndice

Tabela A.1

Distribuição percentual dos macrossetores e dos setores nas exportações totais do agronegócio do RS — 2007-15

DISCRIMINAÇÃO	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Insumos, máquinas e equipamentos de uso agropecuário	10,1	11,0	6,9	8,5	8,0	6,8	6,2	5,8	4,2
Sementes e mudas	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Aubos e fertilizantes	1,3	1,7	0,9	1,1	1,1	0,8	0,8	0,6	0,5
Defensivos agrícolas	0,1	0,2	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Medicamentos veterinários	-	-	-	-	-	0,0	0,0	0,0	0,0
Rações	0,0	0,0	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1
Silos e equipamentos para secagem, limpeza e seleção de grãos	0,3	0,4	0,2	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,2
Máquinas e implementos agrícolas	7,6	7,8	5,0	5,9	5,7	4,8	4,0	3,8	2,4
Máquinas e equipamentos para a produção animal	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Demais máquinas e equipamentos agropecuários e suas partes	0,6	0,8	0,5	0,7	0,6	0,7	1,0	0,8	0,9
Produtos de origem animal	30,7	30,5	26,5	30,2	23,7	24,9	20,9	24,3	23,1
Animais vivos (exceto pescados)	0,0	0,1	0,1	0,2	0,1	0,4	0,1	0,0	0,1
Carnes	22,7	23,7	21,5	23,7	18,5	19,8	16,0	18,1	17,0
Pescados	0,3	0,2	0,3	0,3	0,2	0,3	0,2	0,2	0,2
Lácteos	0,4	0,7	0,2	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,8
Ovos e gemas	0,1	0,2	0,2	0,2	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1
Produtos apícolas	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0
Couros e peleteria	6,4	4,9	3,6	5,0	4,0	3,5	3,8	4,9	4,2
Gorduras e óleos de origem animal	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Albumina, gelatinas e outras substâncias proteicas	0,3	0,3	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3
Demais produtos de origem animal	0,4	0,4	0,3	0,4	0,4	0,5	0,4	0,4	0,5
Produtos de origem vegetal	59,1	58,4	66,6	61,3	68,3	68,3	73,0	69,9	72,7
Produtos de floricultura e outras plantas vivas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Frutas e suas conservas e preparações	0,4	0,5	0,5	0,4	0,3	0,5	0,5	0,3	0,4
Chá, mate e especiarias	0,2	0,2	0,3	0,3	0,3	0,5	0,6	0,7	0,7
Cereais, farinhas e preparações	1,8	5,5	3,7	3,0	8,6	9,2	7,3	5,7	6,2
Soja	30,4	28,4	33,1	31,7	38,4	32,5	42,6	43,3	45,3
Produtos oleaginosos (exclui soja)	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,3	0,2	0,2	0,3
Fibras e produtos intermediários têxteis (naturais)	0,3	0,2	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3
Açúcares	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Cacau e seus produtos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Sucos	0,4	0,3	0,2	0,2	0,3	0,3	0,2	0,2	0,2
Bebidas alcoólicas	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1
Fumo e seus produtos	20,1	18,5	24,2	20,4	15,5	20,4	17,5	15,3	13,8
Produtos florestais	3,7	3,0	2,6	3,1	2,5	2,7	2,1	2,2	3,9
Produtos alimentícios diversos	0,5	0,5	0,5	0,5	0,6	0,4	0,3	0,3	0,3
Alimentos para animais domésticos	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Demais produtos de origem vegetal	0,9	0,9	0,8	0,9	0,9	0,9	0,8	0,9	0,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: FEE (2016).

Quadro A.1

Principais destinos, setores e produtos de exportações do agronegócio do RS — 2015

	Principais setores	Soja	Carnes	Fumo e seus produtos	Cereais, farinhas e preparações	Couros e peleteria	Produtos florestais	Total
Mundo	Participação do setor nas exportações para este destino	45,3	17,0	13,8	6,2	4,2	3,9	90,5
	Principal produto do setor	Soja em grão	Carne de frango	Fumo não manufaturado	Arroz	Couros e peles, preparados	Celulose	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	0,38	1,64	5,39	0,36	19,52	0,46	2,1
	Principais setores	Soja	Fumo e seus produtos	Produtos florestais	Couros e peleteria	Carnes	Produtos oleaginosos (exclui soja)	-
China	Participação do setor nas exportações para este destino	86,8	6,2	3,4	1,8	1,3	0,3	99,8
	Principal produto do setor	Soja em grão	Fumo não manufaturado	Celulose	Couros e peles, preparados	Carne de frango	Óleos vegetais	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	0,39	6,09	0,46	20,66	1,44	0,21	1,1
	Principais setores	Soja	Fumo e seus produtos	Carnes	Couros e peleteria	Produtos florestais	Demais produtos de origem vegetal	-
UE (28)	Participação do setor nas exportações para este destino	37,7	32,7	12,3	6,1	4,4	2,4	95,5
	Principal produto do setor	Farelo de soja	Fumo não manufaturado	Carne bovina	Couros e peles, preparados	Celulose	Produtos diversos da indústria química, de origem vegetal	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	0,4	5,1	5,0	17,1	0,5	1,7	3,5
	Principais setores	Soja	Cereais, farinhas e preparações	Couros e peleteria	Fumo e seus produtos	Demais produtos de origem animal	Carnes	-
Vietnã	Participação do setor nas exportações para este destino	60,3	17,6	9,0	8,1	2,3	1,7	98,9
	Principal produto do setor	Soja em grão	Trigo	Couros e peles, preparados	Fumo não manufaturado	Ossos, osseínas, carapaças e farinhas de carne e miudezas	Carne de frango	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	0,38	0,19	16,21	6,05	0,57	0,69	2,2
	Principais setores	Soja	Fumo e seus produtos	Cereais, farinhas e preparações	Couros e peleteria	Produtos florestais	Carnes	-
Coreia do Sul	Participação do setor nas exportações para este destino	69,9	7,8	5,6	5,5	5,2	5,1	99,1
	Principal produto do setor	Farelo de soja	Fumo não manufaturado	Trigo	Couros e peles, preparados	Celulose	Carne de frango	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	0,36	5,44	0,20	14,91	0,46	2,15	1,6

(continua)

Quadro A.1

Principais destinos, setores e produtos de exportações do agronegócio do RS — 2015

Venezuela	Principais setores	Carnes	Lácteos	Máquinas e implementos agrícolas	Cereais, farinhas e preparações	Animais vivos (exceto pescados)	Fumo e seus produtos	-
	Participação do setor nas exportações para este destino	52,9	22,1	13,2	6,6	2,1	1,2	98,0
	Principal produto do setor	Carne de frango	Leite em pó	Tratores agrícolas	Arroz	Bovinos e bubalinos vivos	Fumo manufaturado	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	2,32	5,67	12,52	0,22	2,41	4,32	4,2
Rússia	Principais setores	Carnes	Fumo e seus produtos	Frutas e suas conservas e preparações	Máquinas e implementos agrícolas	Demais máquinas e equipamentos agropecuários e suas partes	Demais produtos de origem vegetal	-
	Participação do setor nas exportações para este destino	71,4	26,3	0,8	0,6	0,5	0,2	99,8
	Principal produto do setor	Carne suína	Fumo não manufaturado	Maçãs	Pulverizadores	Partes, peças e componentes de máquinas e equipamentos agropecuários	Extratos tanantes de origem vegetal, taninos e seus derivados	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	2,74	5,16	0,79	14,15	15,81	1,74	3,5
EUA	Principais setores	Fumo e seus produtos	Couros e peleteria	Produtos florestais	Demais produtos de origem animal	Cereais, farinhas e preparações	Carnes	-
	Participação do setor nas exportações para este destino	50,8	21,4	12,9	3,1	3,1	2,9	94,1
	Principal produto do setor	Fumo não manufaturado	Couros e peles, preparados	Celulose	Outros produtos de origem animal	Arroz	Carne bovina	-
	Preço médio do principal produto do setor (US\$/kg)	6,10	23,20	0,46	15,68	0,57	8,30	8,9

FONTE: FEE (2016).

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Serviço de Inspeção Federal — SIF**. 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/sif>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Sistema de análise das informações de comércio exterior: ALICEWeb**. 2016a. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Estatísticas de Comércio Exterior**. 2016b.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (Brasil) (Conab). **Levantamentos de safra — grãos**. 2016. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&t=2>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Division of Research, Graduate School of Business Administration, Harvard University, 1957.

- EUROPEAN COMMISSION. **Eurostat**: European statistics database. 2016. Disponível em: <<http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&init=1&plugin=1&language=en&pcode=tec00115>>. Acesso em: 6 jun. 2016.
- FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S. **Estatísticas e indicadores de exportação de mercadorias do agronegócio**: nota técnica. Porto Alegre: FEE, 2016.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Exportações do agronegócio**. 2016. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/agronegocio/exportacoes/serie-historica-2/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **PIB Trimestral**. 2016a. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/pib-trimestral/serie-historica/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- GARCIA, A. A. As mudanças na pauta exportadora gaúcha entre 1989 e 2008. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 147-166, 2010.
- HOFFMANN, R. Elasticidades-renda das despesas e do consumo físico de alimentos no Brasil metropolitano em 1995-96. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 111-122, set. 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas Nacionais Trimestrais**. 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/pib-vol-val_201602_3.shtm>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**: pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das safras agrícolas no ano civil. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/lspa/default.shtm>>. Acesso em: 17 jun. 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Trimestral do Abate de Animais**. 2016a. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo9.asp?e=c&p=AX&z=t&o=24>>. Acesso em: 19 ago. 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA)**: Produção Agrícola Municipal (PAM). 2016b. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 1 jun. 2016.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **International financial statistics online**. 2016. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/data.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2016.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **World economic outlook**: too slow for too long. Washington, DC, 2016a. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2016/01/pdf/text.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- INTERNATIONAL TRADE CENTRE (ITC). **Trade map**: trade statistics for international business development. Genebra, 2016. Disponível em: <www.trademap.org/> Acesso em: 17 jun. 2016.
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas do mundo**: do neolítico à crise contemporânea. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- UNITED STATES. Department of Agriculture (USDA). [**Site institucional**]. 2016. Disponível em: <<http://www.usda.gov>>. Acesso em: 25 jul. 2016.
- WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO). **Trade growth to remain subdued in 2016 as uncertainties weigh on global demand**. Geneva: WTO, 2016. Disponível em: <https://www.wto.org/english/news_e/pres16_e/pr768_e.pdf> Acesso em: 15 jun. 2016.
- WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO). **WTO Statistics Database**. 2016a. Disponível em: <<http://stat.wto.org/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- ZHOU, D. **Dynamic food demand in China and international nutrition transition**. 2014. 120 f. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias) — Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade de Göttingen, Göttingen, 2014. Disponível em: <<http://d-nb.info/1061172112/34>>. Acesso em: 6 jul. 2016.